

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TEMOS O QUE ENSINAR?

Caio Martins COSTA
Mônica Arruda XAVIER*

A nossa prática enquanto professores de Educação Física na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, vem acontecendo nestes últimos dez anos, paralelamente a outros trabalhos em outras instituições. É a soma destas experiências que nos levou a organizar teoricamente a nossa prática dentro da EA para a apresentação no II Congresso de Educação Física Escolar, promovido pela Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.

O tema "temos o que ensinar?" nos convida a pensar em conteúdos, e em critérios que utilizamos para selecioná-los. O ato de selecionar o conteúdo e formas de transmiti-lo implica em uma análise da filosofia da escola, dos recursos físicos e materiais disponíveis, dos objetivos da disciplina, e do perfil dos alunos, refletindo porém a visão pessoal do professor em relação à Educação e a Educação Física. Isso significa que temos, como professor, a liberdade para escolher dentro de uma "caixa" de conteúdos, os que melhor atendam ao momento histórico da escola, e dos alunos. Escolha essa, que deve ultrapassar as preferências pessoais do professor, e ir ao encontro de uma clareza maior das necessidades do momento, que contenha essas preferências como ato de luminosidade humana, mas que não as seja exclusivamente. Entendemos que o conteúdo é por onde passa o compromisso concreto com o trabalho "o que tem que ser realizado para poder ser avaliado"

Nossa preocupação maior é como esse conteúdo será transmitido, e não simplesmente qual o conteúdo deve ser transmitido. A reflexão é sobre o que está por trás de uma prática pedagógica específica, por que esse método e não aquele, qual é a imagem que fazemos do aluno que vai receber essa aula, e qual a imagem que desejamos que ele assuma, é essa a reflexão fundamental para que possamos escolher dentro das nossas opções. Adotamos uma postura relacional, interacionista, onde o saber do professor tem um valor inestimável, por ser através deste saber que as relações se desenvolvem, possibilitando a construção do novo, do crescimento em seu sentido mais amplo. Este saber, o conteúdo, não deve ser um muro de proteção entre professor-aluno, onde nos escondemos dos encontros verdadeiros, **o conteúdo é um instrumento de comunicação entre as totalidades professor-aluno**, é a sensibilidade do professor que determina o grau de flexibilidade no desenvolvimento do conteúdo.

A transmissão do conteúdo através das estratégias, é onde está o foco de atenção "mágico", este é o momento de desprendimento ilimitado do professor, onde podendo operar dentro do interesse do grupo, podemos mudar quantas vezes forem necessárias as estratégias até que atingido o objetivo. Essa mágica pode ser resumida em uma palavra, "flexibilidade" porque **quando ousamos ampliações em nossas opções pessoais, temos mais poder para propor ampliações nas opções de nossos alunos.**

Validamos todas as formas de estratégias, sejam elas atividades cooperativas, competitivas, aulas expositivas, aulas não diretivas, exercícios, etc... desde que reflitam essa flexibilidade, desde que estejam gerando **interdependência**, relacionamentos verdadeiros.

Todo trabalho passa por quatro momentos distintos, **iniciação, aprendizagem, aperfeiçoamento, e treinamento**, de modo espiral, passando pelo mesmo ponto a cada vez uma oitava acima, ou seja revivendo as mesmas fases em níveis superiores. Essas fases tem estruturas fundamentais de base anteriores ao trabalho e que descrevem o principal eixo de motivação.

* Escola de Aplicação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

Iniciação	Prazer	Lúdico
Aprendizado	Curiosidade	Experimental/Explorar
Aperfeiçoamento	Consciência	Saber
Treinamento	Vontade	Trabalho sobre a volição
(FASES)	(ESTRUTURA) (BASE)	(EIXO DE MOTIVAÇÃO)

Como professores, devemos conseguir identificar aonde estão os alunos, saber qual o resultado se deseja, devemos possuir uma flexibilidade de comportamento, capaz de gerar grande número de respostas diferentes, e por fim precisamos ter experiências sensoriais suficientes para percebermos as respostas desejadas. Se conseguirmos reunir essas condições estamos aptos a usar o que os neurolinguistas chamam de **up time** (acompanhar em flagrante o que está acontecendo) e então fluir na aprendizagem com o grupo.

Professor	Conhecimento	Alunos
	(MOTOR)	
	(COGNITIVO)	
	(SOCIO-POLITICO)	

A arte de ensinar está na capacidade de transitar nos diferentes planos do conhecimento através de uma estratégia.

Caracterizamos assim nossa prática em Educação Física como uma prática relacional, que busca mais do que uma independência do aluno no processo, mas sim uma interdependência de todos.

Educação Física Relacional Independência?

Dependência X Independência

INTERDEPENDÊNCIA

Da Dependência	para a	Interdependência
(Pessoas livres em buscas pessoais)	(Ed.Física) (Relacional)	(Pessoas livres comprometidas com a troca)